

Batata, panqueca e pimenta

Por Renan Ji¹

O palhaço Batata deseja levar as cinzas do falecido avô ao alto de uma montanha para uma cerimônia de despedida. Sua companheira, a palhaça Panqueca, pretende ter um encontro romântico na floresta. Esses dois motes da peça *Vô voar*, da Companhia Los trancos e barrancos, sugerem uma dramaturgia que toca em assuntos delicados, como os ritos de iniciação e despedida que marcam as várias fases da nossa vida, assim como temas profundos da experiência humana, como a sexualidade, o amor, a amizade, a morte e o luto.

Juntar tantas questões primordiais numa peça pode parecer um tanto desafiador, mas o resultado deste trabalho, com direção e dramaturgia de Esio Magalhães, é a costura de pequenos gestos e detalhes com o fio condutor da palhaçaria. Esta deixa de ser apenas uma convenção ou código de representação, e se torna uma maneira de trabalhar os estereótipos e fugir do previsível, tanto na própria palhaçaria quanto nas grandes questões da vida.

Vale lembrar que mudar o previsível não necessariamente significa invertê-lo em sua lógica. Às vezes, na dinâmica dos extremos, a mera inversão de valores apenas reforça e confirma a mesma lógica. Palhaços soturnos ou assustadores, por exemplo, são apenas a contraface de palhaços histriônicos e exagerados. Na contramão dessa perspectiva, o diapasão da palhaçaria de *Vô Voar* se ajusta pela sutileza, não tanto pela ruptura.

Inicialmente, podemos perceber esse aspecto no registro de atuação da dupla Adriana Marques (Palhaça Panqueca) e Renato David Oliveira (Palhaço Batata). Podemos perceber o quanto há um trabalho individualizado de atriz e ator,

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua como crítico de teatro desde 2011, participando de festivais nacionais e internacionais em São Paulo (MITSp), Wrocław (Theatre Olympics, Polônia) e Wuzhen (Wuzhen Theatre Festival, China). É membro da Questão de Crítica, revista eletrônica de críticas e estudos teatrais.

que mescla a comicidade física do palhaço a formas variadas de humor das redes sociais, resultando num trabalho de corpo menos codificado. A sensação é que estamos diante de palhaços que fazem piadas como nós, ou com os quais nos identificamos porque muitas vezes somos desajeitados e tropeçamos nas coisas. Enfatizo que nem por isso eles deixam de ser palhaços: o que se realiza é um interessante trabalho de composição da palhaçaria com o corpo do ator e da atriz, e com o que me parecem ser suas especificidades de voz, estilo e personalidade. O palhaço, assim, perde sua máscara engessada e ganha uma comicidade mais fluida, delineando uma personalidade singular. Batata e Panqueca possuem estilos e características próprias, cada qual com sua maturidade sem hierarquias, juntos pela amizade complexa e não para serem “escada” um do outro.

Vemos então que, no caso da montagem da Cia. Los trancos e barrancos, as opções dramatúrgicas se realizam num plano muito mais sutil, e isso possibilita um diálogo com diversas faixas de idade do público. Para os pequenos, a inocência e o companheirismo da dupla Batata e Panqueca assume a dianteira da narrativa; já (pré-)adolescentes dialogam com as piadas de duplo sentido, que são formas cômicas de sublimar os afetos, colocando em cena de forma irreverente os desejos reprimidos. Para adultos, ver como os palhaços encenam ritos de passagem de forma leve e despretensiosa mostra como os aprendizados se somam num fluxo, sem muito começo e fim. A morte está ao lado da vida, do sexo, da amizade, e vamos aprendendo aos trancos e barrancos, como nos sugere o título da companhia teatral.

Na mistura de Batata e Panqueca, o tempero adicional que apimenta a dramaturgia e atrai nosso olhar é a sinceridade e a leveza. A morte surge de forma completamente desconstruída nas cinzas do avô que viram pó de café, mas também como metáfora simples e lírica da morte como voo e liberdade. Ambas as perspectivas não se anulam e não se opõem: é nessa mistura que a palhaçaria da Cia. Los trancos e barrancos nos faz rir, não porque achamos graça do ridículo alheio – mas porque subitamente vemos que o ridículo pode estar em nós mesmos. Imperfeições? Não, apenas pequenos gestos e peculiaridades que nos constituem e cativam aqueles que nos amam.